



ABORDAGEM INTEGRAL DA PESSOA SURDA COM COMPROMETIMENTOS MULTISSISTÊMICOS E OS DESDOBRAMENTOS NO AMBIENTE EDUCACIONAL

*ABORDAGEM INTEGRAL DA PESSOA
SURDA COM COMPROMETIMENTOS
MULTISSISTÊMICOS E OS
DESDOBRAMENTOS NO AMBIENTE
EDUCACIONAL*

LÉIA MAISNER

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a necessidade do aprendizado e suas dificuldades na disciplina de Geografia na Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela criança surda, bem como da importância desse conteúdo na Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller. Assim, analisar questões que deixam docentes – quanto à sua posição de profissionais da Educação – aflitos quanto à falta da Libras no processo de aprendizagem de alunos surdos. Dessa forma, utilizaram-se os conceitos como a Libras, aprendizagem, disciplina de Geografia e seus conceitos, além de sujeito surdo como base desta pesquisa. Para tanto, foram consultados autores como Vesentini (1992); Santos (1996); Kimura (2010); Quadros (2006); Dalcin (2005) e Garcia (2009). Na tentativa de orientar os docentes na possível resolução de alguns problemas cotidianos que ocorrem em sala de aula e de suas correlações juntamente aos alunos surdos, fez-se uso de pesquisa qualitativa de investigação bibliográfica, em que foram analisados livros, artigos, teses e monografias relacionados ao tema investigado e alunos do Ensino Médio da referida escola na disciplina Geografia. Isso posto, este trabalho convida à atitude reflexiva pelo(a) professor(a) enquanto mediador(a) da Educação e condutor do surdo à cidadania eficaz. Ter uma atitude de escuta e respeito pelo surdo e a língua dele poderá proporcionar um caminho mais fácil rumo à aprendizagem dele na disciplina de Geografia.

Palavras-chave: Alunos Surdos; Disciplina de Geografia; Ensino Médio; Dificuldades de Aprendizagem; Libras.

ABSTRACT

This article aims at reflecting upon the need for learning, and its difficulties, in the discipline of Geography in Brazilian Sign Language (Libras) by deaf children, as well as the importance of this content in the Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller (State Special High School Helen Keller). It also aims at analyzing issues that leave teachers – as education professionals – distressed about the lack of Libras in the learning process of deaf students. Thus, we used concepts such as Libras, learning, Geography discipline and its concepts, as well as deaf subjects as the basis of this research. For this, authors such as Vesentini (1992); Santos (1996); Kimura (2010); Quadros (2006); Dalcin (2005); and Garcia (2009) were consulted. In an attempt to guide teachers in the possible resolution of some everyday problems that occur in the classroom and their correlations with deaf students, we made use of qualitative research of bibliographic investigation, in which books, articles, theses and monographs related to the investigated theme and high school students of the referred school in the Geography discipline were analyzed. That said, this work invites a reflective attitude by the teacher as a mediator of education and conductor of the deaf towards effective citizenship. Having an attitude of listening and respect for the deaf and their language may provide an easier path towards their learning in Geography.

Keywords: Deaf Students; Geography; High School; Learning Disabilities; Libras.

LÉIA MAISNER

É Professora e Intérprete de Libras na instituição de ensino INE - Instituto Nacional de Ensino. É licenciada em Geografia pela Universidade de Caxias do Sul

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho expõe a necessidade do aprendizado da Libras pela criança surda e sua importância na aprendizagem dos conceitos na disciplina de Geografia. A Libras, enquanto língua materna, apresenta-se como possível ferramenta para possibilitar aos educandos uma apreensão crítica da realidade, pois os mesmos devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados.

Apoiando-se nos estudos de Quadros (2006), Dalcin (2005) e Garcia (2009), trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Assim, atribuiu-se à importância da aquisição da linguagem e a necessidade de inserção precoce da criança surda na Língua Brasileira de Sinais, como L1. O surdo, em contato com uma língua gesto-visual adentra o universo de significantes enquanto subsídios linguísticos para aquisição da Língua Portuguesa, como L2. Sendo assim, um apoio para a disciplina de Geografia. Nesse sentido, o presente estudo analisa as condições em que ocorrem as aulas de Geografia na Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller.

A escolha do tema das dificuldades de aprendizagem na disciplina de Geografia, no Ensino Médio com alunos surdos na Língua Portuguesa e em Libras, justifica-se pela necessidade de apontar alguns subsídios teóricos que sirvam de orientação para o trabalho dos profissionais da Educação envolvidos na atuação em sala de aula.

Dando luz ao significado de incluir, refletindo sobre proporcionar adequações físicas, materiais, humanas, entre outros, capazes de criar condições de ingresso, acesso e permanência do surdo no ambiente escolar em que tenha sido incluído, para o alcance de uma vida social e emocional saudável, pelo sujeito surdo, enquanto cidadão. Por fim, apontar as dificuldades da aprendizagem dos conceitos da disciplina de Geografia e as estratégias utilizadas para facilitar a assimilação, utilizando a Libras como ferramenta de comunicação.

2 A EDUCAÇÃO DE SURDOS

Os surdos estão presentes em nossa sociedade desde o início da civilização humana. Porém, por muitos anos, eles como a maioria dos portadores de deficiências, eram excluídos da sociedade e do convívio social e educacional, onde as pessoas tinham o entendimento de que os portadores de deficiência, em especial – o surdo pela falta de audição e da fala –, teriam dificuldade na aprendizagem. Assim, falar sobre surdez e preconceito é expor historicamente os fatos do povo surdo, que carregam as marcas de um ser reconhecido como ser incompleto, incapaz e deficiente. A partir dessa concepção da surdez, todo tipo de violência física e simbólica foi exercida, passando por extermínio e reclusão em casa.

Segundo Goldfeld (1997), até o século XVI, acreditavam que o surdo era um ser primitivo e ineducável. Porém, o

monge benedito espanhol Ponce de León (1520-1584), que era professor de filhos surdos de nobres, fundou a primeira escola de surdos no monastério Valladolid em 1555, na Espanha. Ele utilizava a datilologia, representação manual das letras do alfabeto, a escrita e a oralização como metodologias de ensino.

Em seguida, foi o abade francês Charles-Michel, na metade do século XVIII, que desenvolveu um sistema de sinais para alfabetizar crianças surdas que serviu de base para o método usado até hoje.

Podemos dizer que tanto a comunidade surda como a escola buscam soluções para o ensino/aprendizagem, buscam uma melhoria até hoje no sistema educacional diferenciados, assim como metodologias adequadas para alunos surdos. Assim nasce a proposta das escolas bilíngues.

3 ALUNOS SURDOS DE ENSINO MÉDIO E SUAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

A tentativa de garantir para os surdos a linguagem por meio da língua oral-auditiva do país, para Quadros (1997), a Língua Portuguesa, não alcançou seus objetivos segundo educadores envolvidos na educação de surdos e que conhecem surdos adultos. A maioria dos surdos brasileiros demonstra o fracasso dessas tentativas na aquisição da língua, tanto na sua forma escrita quanto na aquisição

da linguagem, e isso se estende na aprendizagem dos conceitos básicos no Ensino Médio, na disciplina de Geografia e todas as outras que acompanham a matriz curricular.

O ensino de Geografia tem sido marcado por intensos debates no processo de aprendizagem, no entanto vale ressaltar uma dessas principais dificuldades, a falta de recursos suficientes para trabalhar a Geografia no Ensino Médio, pois os alunos surdos necessitam de muito material visual, em que cada professor acaba desenvolvendo seu próprio material didático, uma vez que os livros oferecidos pela rede pública são de difícil compreensão e interpretação, justamente pela dificuldade da aprendizagem e alfabetização na Língua Portuguesa, L2. A metodologia voltada às novas tecnologias e a qualificação do profissional para atuar na disciplina Geografia são um campo do conhecimento científico que, desde sempre, constitui-se com base na multidimensionalidade, já que buscou compreender as relações que se estabelecem entre o homem e o meio natural onde ele habita ao longo da história em diferentes espaços e lugares.

A primeira impressão em oferecer meios que possibilitam ao surdo se comunicar deixou de levar em conta o fato de que, mesmo frente às dificuldades que possam surgir, a linguagem é tão essencial ao convívio humano que, possíveis obstáculos de ordem física, no caso a surdez, não impediriam que o surdo encon-

trasse meios de satisfazer propósitos de ordem social, por exemplo, comunicar-se. Então, a Língua de Sinais seria reconhecida como língua materna e mediadora de uma segunda língua para a pessoa surda. Em termos de Brasil, Libras, como língua materna, seria mediadora na aquisição da Língua Portuguesa, enquanto que a Língua Portuguesa, segundo Kubaski e Moraes (2009), proporciona o fortalecimento das estruturas linguísticas para maior acesso à comunicação.

Dalcin (2005), fazendo referência a Martins (2003), expõe que, mesmo que o surdo permaneça por longo tempo sem acesso à Língua de Sinais, seria possível 'ascender' a essa língua por meio da base inicial desenvolvida por intermédio da função materna e paterna do código caseiro. Nesse caso, a Língua de Sinais apareceria como meio de articulação do simbólico, cuja estrutura gramatical ofereceria o fluir na cadeia significativa proporcionando ao sujeito ocupar seu espaço à frente do desejo do outro.

O processo de aprendizagem da escrita por meio de estímulos visuais faz com que esse processo tenha mais sentido para a pessoa surda (FARIA, 2011). A Libras é o elemento indispensável para que essa apropriação aconteça com sucesso, pois é a língua que dará o subsídio necessário, visto que ela é a língua natural da pessoa surda (MICHELS, 2011).

Segundo Kubaski e Moraes (2009), a proposta bilíngue contribui no desenvolvimento da criança surda. Assim, adquirir

a Língua de Sinais permitirá à criança surda acessar conceitos de sua comunidade, utilizando-os como sendo seus, o que formará uma maneira de pensar, agir, ver o mundo, tornando possível o amadurecimento lógico-cognitivo, estabelecendo relações e organizando pensamentos.

Já Vygotsky (1993), refere que a linguagem tem papel decisivo na formação dos processos mentais enquanto que a língua, além do papel que exerce na comunicação, tem função reguladora do pensamento.

A linguagem possibilita a transmissão de conceitos e sentimentos e propicia elementos para ampliação de conhecimentos, contudo a surdez pode oferecer impedimento para o desenvolvimento da linguagem verbal, porém não detém processos não verbais.

Diante das dificuldades de leitura e compreensão do mundo sobre o ensino de Geografia, o trabalho do professor se torna mais complexo. Muitos acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de rios, regiões, países, altitudes.

Segundo Santos (2004, p.37), a Geografia crítica é uma retomada das discussões sobre a interdisciplinaridade. O mesmo acontece quando se prega um desafio: na verdade, o princípio dessa interdisciplinaridade e, em geral, em todas as ciências. Ressalta ainda que, para ter sucesso e antes de qualquer coisa, precisa

partir do próprio objeto da nossa disciplina.

Uma das principais dificuldades percebida no Ensino Médio, na formação inicial e, que em geral, ela tem sido bastante marcada pela aprendizagem de conteúdos de Geografia, de suas diversas especialidades, sem uma boa reflexão de seus vários significados e de como atuar na prática docente em uma variedade curricular de alunos que migraram de várias formas de conhecimento vivido em outros anos anteriores de outras escolas. (SODRÉ, 1986, p.19).

Segundo Vicentin (1992, p.15), em análise sobre a política do livro didático no Brasil nos últimos 20 anos, partem de duas premissas: a) a política sobre o livro didático é a mesma utilizada em anos anteriores. Isto é, tem cunho estatal; b) a política do livro didático está no contexto da política educacional e global. Para esse autor, ao longo da história do livro didático no país, não identificam instituições (igrejas, sindicatos e editoras) envolvidas na discussão, apenas o Estado tem tratado de definir o material a ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Isso poderia ser o caso ou a causa das dificuldades encontradas no aprendizado de muitos alunos que utilizam desse material durante o ciclo escolar.

A observação e a caracterização dos elementos presentes na paisagem são o ponto de partida para uma compreensão mais ampla das relações entre sociedade e natureza. É possível analisar as trans-

formações que essa sofre por causa de atividades econômicas, hábitos culturais ou questões políticas, expressas de diferentes maneiras no próprio meio onde os alunos vivem. Por exemplo, por meio da arquitetura e de suas relações com o território da distribuição da população; os hábitos alimentares no campo e na cidade; a divisão e constituição do trabalho, das formas de lazer e, inclusive, mediante suas próprias características biofísicas, pode-se observar a presença da natureza e sua relação com a vida dos homens em sociedade (MORAIS, 1998).

O professor de Geografia é um privilegiado porque pode fazer instrumentos interessantes e trabalhos de campo. Em locais ricos em beleza natural para estudar a área ambiental, pode fazer visitas a locais históricos, museus ou até mesmo fazer um trabalho de campo em um espaço urbano para compreender a estrutura, as formas e as funções dos fixos e fluxos da cidade. Com isso, há uma gama de locais onde a Geografia pode atuar, privilegiando esse educador que pode transitar por todos esses espaços geográficos. Nesse pensamento, o profissional da Educação, percebendo a dificuldade da aprendizagem dos alunos surdos, utiliza-se de uma gama de possibilidades da realidade do entorno da escola, utilizando os recursos visuais proporcionados na zona urbana, proporcionando o aprendizado dos conceitos de Geografia.

A Geografia deve fazer o uso da imagem e da ilustração, obrigatoriamente,

no estudo dos mapas e cartas. O uso do mapa é indispensável na Geografia. Os alunos precisam reconhecer os territórios e regiões, para ter uma base de localização. Sem essa base, os fenômenos que acontecem no mundo não serão compreendidos, pois é preciso saber, por exemplo, que devido à localização dos EUA fora do continente europeu, ele foi o país que saiu quase que ileso da Segunda Guerra Mundial, enquanto os países da Europa ficaram destruídos. Dessa forma, os EUA saíram em vantagem e puderam financiar a reconstrução dos países europeus e, assim, tornarem-se uma grande potência mundial. Então, o grande desafio para o professor que trabalha com o aluno surdo é sair da realidade dele e, com vídeos ou imagens, chamar-lhe a atenção para as regiões e países diferentes dos nossos. Portanto, utilizamos as ferramentas que a internet nos proporciona com vídeos para apresentar as diferentes culturas aos alunos. Logo, deixamos registrado que os conteúdos abordados nas escolas especiais são os mesmos abordados nas demais escolas, porém o material didático oferecido não se aplica nas escolas especiais bilíngues. Isso implica dificuldades da aprendizagem do indivíduo surdo, por não conectar os conceitos com os textos do material oferecido.

As dificuldades na aprendizagem têm gerado aos alunos surdos, na maioria das vezes, situações de fracasso escolar. Charlot (2000) propõe outra leitura sobre o fracasso escolar, uma leitura pelo viés

da não reprodução. Segundo ele, o fracasso escolar não é algo em si, mas a história daquele que fracassa. Não existe o fracasso escolar, o que existe são alunos em situação de fracasso. Alunos que não conseguem aprender, histórias escolares que terminam mal e são essas histórias que deveriam ser analisadas.

Assim como os alunos ouvintes, os alunos surdos encontram dificuldades na aprendizagem. Os alunos surdos necessitam interagir com a leitura da Língua Portuguesa para que apenas não memorize pela repetição o vocabulário que aparece nas atividades escolares. Para isso, sua vivência com a escrita e a leitura tem de ser bem trabalhada pelos professores.

Segundo Bock (2001), a partir das concepções de Vigotski, alunos e professores devem ser parceiros na tarefa de mediadores da cultura, todos são responsáveis nesse processo. Portanto, o aluno não pode ser visto como alguém que não aprende, possuidor de algo interno que o dificulta a aprendizagem: aprender é estar com o outro, que é mediador da cultura.

Podemos observar que, mesmo existindo políticas públicas voltadas para o aluno surdo em Caxias do Sul-RS, e no Brasil, a realidade desse público ainda está distante de ter bons resultados na aprendizagem. Contudo, concluímos que não basta a existência dessas leis, elas devem ser efetivadas de fato no cotidiano escolar. Além disso, tem-se a necessidade de mais reflexões sobre quais são as formas mais adequadas de promover um

ensino de qualidade aos alunos surdos. É indispensável que essa discussão traga uma visão mais crítica sobre os processos metodológicos e os recursos didáticos utilizados em sala de aula evidenciando, não apenas os procedimentos adotados, mas também uma análise das vantagens e desvantagens que existem em cada uma. Desse modo, faz-se necessária uma modificação no sistema educacional, pois os professores precisam estar qualificados e as escolas preparadas para atender às necessidades dos alunos.

Para Kubaski e Moraes (2009), uma abordagem bilíngue capacitaria a pessoa surda a utilizar duas línguas – a Língua de Sinais e a língua da comunidade ouvinte. Quadros (2000) lembra o bilinguismo, reconhecendo as línguas envolvidas no dia a dia do surdo, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa no contexto brasileiro.

Os mesmos autores Kubaski e Moraes (2009) esclarecem ainda que a interação entre a Libras e a Língua Portuguesa favorece o aprimoramento das capacidades de ordem cognitiva, linguística, afetiva e política da criança. Importa que a criança surda adquira primeiro a Língua de Sinais e, em seguida, a Língua Portuguesa, para que o processo de compreensão da segunda língua seja facilitado, visto que a segunda língua utiliza a primeira como estratégia de aprendizagem.

Logo, a proposta de utilização bilíngue possibilita que o surdo faça uso das duas línguas, decidindo qual irá utilizar segun-

do cada situação linguística. Em termos de Brasil, os instrumentos legais que fazem referência ao sujeito surdo e sua educação formal são a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que regulamenta e dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e o Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002.

Assim, assuntos que envolvam comunicação humana e que lembram conceitos como linguagem, língua, audição, surdez, educação, dos aspectos de ordem emocional ligados à aquisição da língua, devem levar em conta o sujeito surdo como cidadão que possui direitos e deveres iguais aos de qualquer outro sujeito.

Quadros (2006) expõe que as relações cognitivas significativas, em relação ao progresso escolar, relacionam-se à capacidade da criança na organização das ideias e pensamentos, por intermédio de uma língua e pela 'interação' com colegas e adultos.

Percebe-se que não existem ações eficazes fazendo com que a grande preocupação, senão a única, seja o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa. E, diante desse contexto, podemos justificar o porquê de ocorrer uma discussão acentuada sobre o currículo na educação de surdos, pois se trata da luta da comunidade surda para que a escola veja a surdez como diferença cultural, não como patologia, e que, portanto, é necessário que suas exigências e necessidades sejam atendidas para que eles tenham uma aprendizagem

significativa (FERNANDES, 2012).

Para realizar o atendimento educacional especializado da Libras, é necessário que o professor realize estudos e pesquisas dos termos técnico-científicos das diferentes áreas do conhecimento. Essa sistematização visa ampliar o léxico da Libras e, geralmente, é realizado na interação entre alunos, professores e tradutores/intérpretes da Libras. (MILANEZ et al., 2013).

A criação e a organização desses termos em Libras são fundamentais para subsidiar o tradutor/intérprete e o professor bilíngue a trabalhar em Libras em seus vários contextos científicos, além de desenvolver referencial teórico que possibilite a apreensão de termos inerentes aos conhecimentos científicos, que ajudam a construir conceitos em sala de aula e a ampliar as competências linguísticas da pessoa com surdez em Libras e em Língua Portuguesa. Isso possibilita gerar novas convenções em glossários e dicionários da Libras, respeitando sempre suas especificidades (DAMÁZIO, 2007; MICHELS, 2011).

Podemos afirmar que a aprendizagem dos conceitos da disciplina de Geografia, e dos sujeitos surdos de modo geral, está longe de ser ideal. Percebemos que o processo dá ênfase no conceito em si, e não na preocupação no entendimento e contextualização do conceito geográfico, limitando, muitas vezes, em textos sem interesse ao aluno. Por isso, sinalizamos a importância de utilizar a Libras como

ferramenta primordial para a aprendizagem integral dos conceitos da disciplina de Geografia.

Segundo pesquisa de Costa e Soares (2010), para se obter uma aprendizagem escolar, é preciso primeiramente se relacionar com o outro, integrar-se ao convívio social. Então, cabe ao professor fazer essa relação de integração do aluno surdo com os demais colegas de turma, para que haja um bom relacionamento entre ambos. O papel da família é fundamental no processo da inclusão, pois é de suma importância que ela prepare o seu filho para conviver fora do seio familiar e faça acompanhamento no desempenho do ensino/aprendizagem. Quanto ao professor, seu papel é fundamental numa sala de aula, principalmente, se essa incluir alunos com necessidades especiais, pois precisa ter toda uma preparação psicológica e de formação para lidar com esse público e trabalhar a interação e a inclusão no ambiente escolar.

O Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento Escolar do Surdo (Pandeb), mostra que quem sabe Libras, aprende mais e melhor a ler e escrever em Língua Portuguesa. A prova mediu competências como compreensão de textos, de sinais e qualidade da escrita de mais de 9 mil estudantes com surdez em 15 estados em 2014.

Quadros (2003) destaca um item abordado pela Declaração de Salamanca como sendo uma das coisas mais características da Educação dos Surdos, ou seja,

a língua. Mesmo assim, essa questão é apenas mencionada nos documentos por recomendações, sem inserir ou viabilizar um ensino que tenha como eixo central a Língua de Sinais.

A maneira de organização do pensamento na cultura surda e a linguagem superam as formas ouvintes. Sendo de outra ordem, ordem de cunho visual, apresenta características que podem ser incompreensíveis aos ouvintes.

Pensar na educação do sujeito surdo significa levar em conta que “os surdos precisam se reescreverem na sua língua.” (QUADROS, 2003 p. 94). Mas o esclarecimento acerca do que podemos compreender por língua, linguagem e implicações de ordem linguísticas, fazem-se necessários, segundo a autora, para que se possa entender as questões de ordem inclusiva e suas experiências visuais.

Concluimos que as oportunidades intensas de expressão sustentarão o conhecimento dos conceitos da disciplina de Geografia, propiciando a estrutura para o processo de leitura e escrita, especialmente, na aprendizagem de qualquer componente curricular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante refletir sobre as questões em que a capacidade de usar as linguagens as tornam críticas, não só para a aquisição dos demais sistemas simbólicos – leitura e escrita –, mas também para o desenvolvimento de habilidades interpessoais.

Nesse sentido, a escola deveria ser o local de aquisição da Língua de Sinais, Língua Portuguesa e a socialização dos conhecimentos. Assim, respeitar o surdo na educação formal significa que sua primeira língua Libras seja introduzida, primeiramente, para poder compreender a segunda, Língua Portuguesa. Dessa forma, ter as condições necessárias e básicas à leitura e escrita em Língua Portuguesa.

A influência de maior importância para o crescimento do aluno, de fato, é o professor. Esse contribuirá e facilitará a aprendizagem e a formação de seu aluno, tanto socialmente, por meio de sua intervenção no processo de interação com o outro, como cognitivamente, pela aquisição dos conteúdos curriculares ministrados. O professor deve estar preparado para desenvolver os processos de ensino-aprendizagem de alunos surdos. Para isso, faz-se necessária uma formação de qualidade, com reflexos no seu exercício profissional, garantindo assim, a plenitude do domínio dos mais diversos métodos pedagógicos e da didática e promovendo o atendimento dos alunos surdos.

O professor tem um grande compromisso com a educação, é necessário utilizarmos da Libras como ferramenta de comunicação para o ensino de alunos surdos.

Portanto, conclui-se neste estudo que há na árdua tarefa do professor bilingue um longo caminho a percorrer, principalmente, na área da Geografia, elaborando seu próprio material didático de acordo

com as dificuldades, ensino/aprendizagem de cada indivíduo surdo. Além disso, que o professor como profissional e educador, deve promover a inclusão a partir de metodologias e estratégias que facilitem a aprendizagem de surdos, visando à amplitude da formação e da preparação de seu aluno para uma vida plena em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. D. **Inclusão do aluno com deficiência auditiva**: um desafio à família e aos profissionais da educação. Monografia. Curso de especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, UAB/UnB-IP. Brasília, 2011). Acesso em: out. 2021

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, Ciência e Sociedade**. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

ARAÚJO, I. S. **Inclusão dos alunos surdos na escola regular do município de Alagoinha-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, UEPB. Guarabira, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: história, geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.

BRITO, R.S. **O professor e o processo de alfabetização do aluno surdo e ouvintes**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, UFRN, Campus Caiacó, Caiacó, 2015.

BURKE, Maria Lucia Garcia Pallares. **Educação das Massas**: uma “sombra” no século das luzes. Brasil 500 Anos: Tópicos em História da Educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p.53-66.

CARLOS, Antonio Castrogiovanni. **O misterioso mundo que os mapas escondem**. Rio Grande do Sul. 1995.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

CAVALCANTE, Lana de Sousa. **Coleção Geografia, Escola e Construção do Conhecimento**. 16ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

CRISTINA, Márcia de Oliveira Mello. **Uma aproximação à didática do ensino de geografia**. São Paulo. Uneso.

DALCIN, Gladis. **Um estranho no ninho**: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Curso De Mestrado. Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102698>. Acesso em: ago./set. 21

DAMÁZIO, M. F. M. **Deficiência auditiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007).

DIAS, Tânia Queiroz. **Pedagogia de Projetos Interdisciplinares**. Márcia Maria Vilanaci Braga, Elaine Penha Leike. São Paulo: Rideel, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARCIA Eduardo de Campos. **Libras: o silêncio que fala**. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=LIBRAS%3B+O+-SIL%C3%8ANCIO+QUE+FALA.+&btnG=&lr=>. Acesso em: out. 2021.

GELPI, Adriana. **Guia de percurso urbano**. Rio Grande do Sul, 1994.

KIMURA, Skoko. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. **O bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas**. Disponível em:

LACERDA, C. B. F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos**. Cad. Cedes, 1998.

LUCCAS, M R. Z; CHIARI, B.M; GOULART, B. N.G. **Compreensão de leitura de alunos surdos na rede regular de ensino**. Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 342-347, 2012.

MENDES, Lucieneide Pires. **Ensino de Geografia**: cotidiano, práticas e saberes. Goiás. 2012.

MICHELS, M.H. **O que há de novo na formação de professores para Educação Especial?** Revista Educação Especial, Santa Maria v. 24, n. 40, p. 219-

232. Acesso em: mai/ago. 2011.

QUEIROZ, Tânia Dias; BRAGA, Márcia Maria Villanacci; LEICK, Elaine Penha. **Pedagogia de Projetos Interdisciplinares**. São Paulo. Rideel 2001.

QUADROS, Ronice Müller de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Ronice Müller Quadros; Magali L. P. Schmiedt. Brasília: Mec, SEESP, 2006. 120 pp. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?q=Id%C3%A9ias+para+ensinar+portugu%C3%AAs+para+alunos+surdos&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5. Acesso em: set./out. 2021.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120 p. Reflexões. (Org.) Et al., Porto Alegre: AGB, 1998.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Ed. Edusp, 2004. SANTOS, Milton. O Espaço interdisciplinar. São Paulo: Nobel, 1986. SODRÉ, Nelson. Introdução à Geografia. Petrópolis: RJ, 1986. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SCHAFFER, Neiva Otero. **O livro didático e o desempenho pedagógico**: anotações de apoio a escolha do livro texto. Rio Grande do Sul, 1988.

SCHAFFER, Neiva Otero. **A cidade nas aulas de Geografia**. Rio Grande do Sul, 1996.

VEIGA, Ilma Passos da. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.

VESENTINI, J. W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Ática, 1992.

VESENTINI, José Willian. **Geografia e ensino**: textos críticos. São Paulo: Papirus, 1989.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org). Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>. Acesso em: out. 2021.